

OPINIÃO DA GAZETA

Respeitar as leis fiscais é importante porque significa garantir também a manutenção de programas sociais

A PRÁTICA E A TEORIA

OP, em seus mais de 13 anos no Planalto, apropriou-se do discurso da defesa irrestrita das despesas sociais. Em seu mais recente ato, enquanto o processo de impeachment avança, a presidente Dilma Rousseff lança um pacote de bondades, mais uma vez flertando com o populismo. A falta de "timing" é gritante.

Um déficit público recorde, próximo de 10% do PIB, não freou os impulsos perdulários do governo. Dilma anunciou aumento no Bolsa-Família e no Minha Casa, Minha Vida. O Imposto de Renda da Pessoa Física também teve reajuste de tabela. Medidas que dão continuidade à falta de compromisso dessa gestão com a responsabilidade fiscal.

É no mínimo uma incoerência. A economia brasileira está naufragando por conta dos equívocos do próprio governo. A ganância desordenada e a irresponsabilidade com as contas públicas podem ser cruéis, inviabilizando a manutenção dos programas sociais, a bandeira mais alta do governo petista.

A realidade é que com o abandono da prudência na gestão das finanças, tanto Lula, no seu segundo mandato, quanto Dilma jogaram para o alto o compromisso firmado com os mais pobres. O preço pago pelo inchaço do Estado acabou chegando. E são exatamente os mais necessitados que sofrem.

A própria prática das pedaladas fiscais, que levaram Dilma Rousseff ao processo de impeachment que pode tirá-la do cargo, muitas vezes é defendida por ter garantido o pagamento dos programas sociais do governo. O que passa oculto é que a maior parte das pedaladas assegurou também empréstimos subsidiados do Banco do Brasil e do BNDES, numa transferência de renda aos proprietários de terra ou às grandes empresas.

Respeitar as leis fiscais é mais importante do que bradar a defesa dos programas sociais. É exatamente defender a sua manutenção. Na prática, e não na teoria.



EU DIGO QUE...

“É importante levar em consideração seriamente as declarações que ele fez no passado”

Barack Obama Presidente dos EUA, criticando a postura do candidato republicano Donald Trump durante a campanha

“Não acho que tudo tinha que ficar pronto um ano antes. Para quê? Para ficar um ano antes pagando ar-condicionado e segurança?”

Eduardo Paes Prefeito do Rio, comentando sobre a demora na entrega de algumas instalações dos Jogos Olímpicos do Rio

Rodrigo Medeiros

É professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes)

Cidades são espaços de concentração das relações sociais e geram produtividade. A maior densidade demográfica gera maior frequência de interação

Cidades inclusivas

Um curto texto disponível na página digital da consultoria McKinsey&Company, de abril do ano corrente, assinado por Jonathan Woetzel, traz instigantes reflexões sobre as cidades. Em síntese, ele aponta para o fato de que cidades inclusivas são cidades produtivas. Vejamos, então, alguns pontos dessa relevante questão.

Cidades são espaços de concentração das relações sociais. Elas geram produtividade por suas interações sociais, sendo que uma maior densidade demográfica gera a perspectiva de maior frequência de interação. A divisão social do trabalho está inserida nesse contexto, assim como o avanço da complexidade econômica (sofisticação produtiva) no espaço urbano.

Uma explicação econômica para a evolução das cidades é encontrada no conceito introduzido por Alfred Marshall (1842-1924): "externalidades". Ele identificou três motivos pelos quais os agentes econômicos achariam vantajoso localizar-se proximamente. O primeiro motivo aponta para o fato de que a concentração geográfica de atividades suportaria fornecedores de insumos especializados. Outro motivo diz respeito à

concentração de empresas empregando funcionários e irrigando o mercado de trabalho local. Por fim, a proximidade geográfica facilita a circulação de informações e conhecimentos. As economias externas são uma força centrípeta.

Forças centrífugas derivam dos custos de deslocamento e dos preços do espaço urbano. Nesse sentido, negócios localizados em espaços urbanos de baixo preço (aluguel, por exemplo) atraem trabalhadores de salários baixos. Estruturas urbanas policêntricas são realidades bem conhecidas nos espaços metropolitanos modernos e apresentam grandes desafios para os gestores públicos.

Em relação aos desafios de inclusão e produtividade que enfrentamos nas cidades, destaco a análise contida no blog do economista Paulo Gala (FGV-EESP). Segundo o professor, "além de ocupar o maior número de trabalhadores em setores de baixo desempenho em termos de produtividade, os empregos industriais brasileiros também apresentam baixa performance em termos de nível e ganhos de produtividade quando comparados aos seus congêneres em países emergentes e desenvolvidos" (27/04/2016). O Brasil, de acordo com Gala, tem uma composição setorial "ruim" para a produtividade, algo que está correlacionado com os elevados níveis de desigualdades sociais que estruturaram e hierarquizaram historicamente os espaços urbanos brasileiros.

HÁ 50 ANOS

FOTO: PROJETO ACERVO DIGITAL / WWW.AGENCIAAG.COM.BR



A IMAGEM DESTA JORNAL ESTÁ AMPLIADA NA EDIÇÃO DIGITAL DE A GAZETA

Castelo Branco já admite a eleição direta como saída para impasse

O presidente Castelo Branco passou a admitir, como saída para o impasse político institucional que vive a nação, a alteração do processo eleitoral com o restabelecimento das eleições diretas para as sucessões estaduais e federais previstas para serem realizadas neste ano, através da convocação de uma Assembleia Constituinte que terá como tarefa básica a reforma da Constituição.